

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

**Política e Valores Humanos:  
Tocqueville e a Espiritualização da Política**

Alexandre Herculano Cruzeiro Rueda

**Brasília  
2010**

Alexandre Herculano Cruzeiro Rueda

## **Política e Valores Humanos: Tocqueville e a Espiritualização da Política**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Ciência Política, Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Ciência Política.

Professor orientador: Prof. Paulo Roberto da Costa Kramer

**Brasília  
2010**

Alexandre Herculano Cruzeiro Rueda

## **Política e Valores Humanos: Tocqueville e a Espiritualização da Política**

Monografia de conclusão de curso submetida ao Instituto de Ciência Política, UnB, como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e apresentado à seguinte banca examinadora

---

Professor João Paulo Peixoto  
(Universidade de Brasília)

---

Professor Paulo Roberto da Costa Kramer  
(Universidade de Brasília)

**Brasília  
2010**

*Dedico ao Mestre Jesus, ao Professor Paiva Netto,  
aos meus pais Ozaina e Mário, ao meu Irmão  
Thiago, familiares e amigos.*

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, ao Cristo e ao Espírito Santo a oportunidade de aprendizado e crescimento. À Legião da Boa Vontade, ao seu Diretor-Presidente José de Paiva Netto, muito grato pela amizade e pela confiança que sempre generosamente depositou em mim. À minha família que sempre me apoiou tanto o braço Cruzeiro de Minas, quanto o braço Rueda de São Paulo, especialmente o Tio Tau e toda sua turma.

À Universidade de Brasília, ao Instituto de Ciência Política e demais Institutos por onde passei. Aos funcionários do IPOL e aos professores, mais que profissionais consagrados, são grandes seres humanos que abraçaram a missão da educação com grande denodo e amor. Meu agradecimento especial aos professores Paulo Kramer, Carlos Henrique Cardim, Paulo Calmon, Lúcia Avelar, Ricardo Caldas, Leonardo Barreto e Mathieu Turgeon. Professor Kramer, obrigado pela amizade, pelas conversas e por ter aceitado ser meu orientador.

À Escola da LBV e sua diretora Professora Maria Sueli Periotto que se entusiasmou quando lhe disse que faria um estudo sobre a escola. Às funcionárias Ássima Luz e Elisangela Ferreira, com importantes informações utilizadas no estudo. À minha querida amiga, voluntária e ex-aluna da escola, a historiadora Paula Sueli, que vai se casar com meu amigo Josué.

À todos que, direta ou indiretamente, fazem parte da minha trajetória. Sintam-se todos abraçados! Ao meu amigo Juliano Bento e sua família sempre me apoiando. Ao meu amigo Gerdeilson Botelho por seu apoio imprescindível. À todos os meus amigos e amigas do Editorial, de Brasília e de São Paulo, que se eu fosse citar um por um faltaria papel.

Enfim, agradeço a você minha ilustre leitora e a você meu preclaro leitor!

***“ Governar é  
ensinar cada um  
a governar  
a si mesmo.”***

**ALZIRO ZARUR**  
(1914-1979)

***“ Governar é  
educar o  
sentimento para o  
bem.”***

**PAIVA NETTO**

## RESUMO

Este trabalho está dividido em três capítulos ao longo dos quais será analisada a importância e a capacidade transformadora dos valores humanos na vida política e social. No primeiro capítulo, será apresentada a contextualização e a evolução histórica do assunto, bem como a exposição da problemática trazida por Tocqueville. No segundo, serão analisadas possíveis soluções, levando em consideração dois dos elementos fundadores da civilização anglo-americana apontados por Tocqueville: o espírito de religião e o espírito de liberdade. Ainda no mesmo capítulo, será analisada a contribuição de Robert Putnam à questão. No terceiro, será apresentada uma contribuição brasileira, por meio de um estudo de caso dos Centros Culturais e Educacionais da Legião da Boa Vontade, em que os valores éticos, morais e espirituais possuem um papel de destaque em sua linha educacional inovadora. Analisaremos também alguns dos resultados obtidos por essas escolas.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA .....	13
1.1 – <i>O mundo da antiguidade e a Era Axial</i> .....	13
1.2 – <i>O mundo da modernidade e o contexto democrático</i> .....	15
2 – QUANTO À SUPERAÇÃO DOS PERIGOS DA DEMOCRACIA .....	19
2.1 – <i>Tocqueville e a sociedade norte-americana</i> .....	19
2.1.1 – O Espírito de Liberdade .....	19
2.1.2 – O Espírito de Religião .....	24
2.2 – <i>Putnam e a sociedade italiana</i> .....	28
2.2.1 – A Comunidade Cívica.....	28
2.2.2 – O Capital Social.....	32
3 – ESTUDO DE CASO .....	36
3.1 – <i>O objeto de estudo: Escolas da LBV</i> .....	37
3.2 – <i>As causas da evasão escolar</i> .....	38
3.3 – <i>Análise e interpretação dos resultados</i> .....	39
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	45

# INTRODUÇÃO

Partindo-se do entendimento da Ciência Política como uma ciência que se propõe a resolver problemas empíricos, o que também justifica seu caráter científico, todo seu arcabouço teórico, métodos, sistemas e processos passam a ser compreendidos e até concebidos a partir de critérios de eficiência. No que tange à ciência do governo dos povos, esses critérios se traduzem em desempenho institucional, segurança pública, observância às leis, garantia de direitos civis, políticos e sociais, saúde, educação *etc.* Ou seja, na busca da melhor distribuição do poder, da melhor alocação de recursos públicos de forma a se obter a maior utilidade, ou o mais avançado e célere desenvolvimento sócio-econômico e progresso humano.

O papel do Estado e das instituições é de inegável relevância, possuindo vasta literatura dedicada ao tema, todavia, como destacou Alberto Almeida, "*a sociedade não é menos importante. Nela, as percepções e opiniões dos homens, suas crenças (...) ajudam muito na compreensão do funcionamento da democracia*"<sup>1</sup>. Assim, o presente trabalho surgiu da inquietação de que, não obstante todos os esforços, sempre louváveis, o sofrimento da humanidade ainda é muito grande, sobretudo considerando o alto nível de desenvolvimento científico-tecnológico; e a demanda pelos serviços do Estado é sobrecarregada, o que afeta a qualidade e a quantidade dos serviços ofertados. Então, em face desse contexto desafiador, considerando as contribuições trazidas pela Ciência Política e seus teóricos a todos ao longo dos

---

<sup>1</sup> Almeida, Alberto Carlos. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 2007. pp.19.

séculos, de que forma a sociedade poderia contribuir com seu próprio bem-estar, desafogando a demanda pelos serviços do Estado?

Quando se fala em sociedade, uma das principais dimensões para o entendimento de sua origem, formação e desenvolvimento diz respeito aos valores humanos, sejam estes éticos, morais, ou espirituais, sob os quais a mesma se constitui. Por valores, a definição adotada, a qual é utilizada principalmente na psicologia social e política, foi trazida por Shalom Schwartz: valores são crenças abstratas sobre metas ou comportamentos desejáveis que transcendem situações específicas, guiam a seleção e avaliação de ações, políticas, pessoas e eventos, e são ordenados pela importância relativa aos demais valores.<sup>2</sup>

Para a presente investigação, a fundamentação da relevância desse tipo de estudo será apresentada em uma breve análise do período da história humana que o filósofo alemão Karl Jaspers (1883-1969) chamou de *Era Axial*. E a contextualização da problemática envolvida utilizará como base teórica principalmente as contribuições de Alexis de Tocqueville (1805-1859) e Robert Putnam. Em Tocqueville, a partir de dois fundamentos da civilização anglo-americana (o espírito de religião e o espírito de liberdade), serão analisados o papel das associações nos EUA e o papel do espírito de religiosidade. Em Putnam, os conceitos de comunidade cívica e capital social serão explorados trazendo uma complementação empírica ao pensamento de Tocqueville.

Por representar a escola uma espécie de laboratório social que reproduz a vida em sociedade, mesmo que em proporção reduzida, será desenvolvido também

---

<sup>2</sup> Schwartz, Shalom H. 1994. "Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values?" *Journal of Social Issues* 50. pp.20.

um estudo de caso dos Centros Culturais e Educacionais da Legião da Boa Vontade (LBV). Tais escolas, a partir de uma pedagogia própria criada por Paiva Netto, desenvolvem uma linha educacional inovadora que prima por valores éticos, morais e espirituais. Tal esforço tem por finalidade estimular um desenvolvimento mais eficiente, solidário, cívico, crítico e participativo dos educandos, que em sua maioria provém de comunidades de risco e vulnerabilidade social. Serão analisados também alguns dos resultados obtidos por essas escolas.

Espera-se, ao final do trabalho, a partir dos resultados obtidos, constatar se uma sociedade com valores humanos, éticos e espirituais realmente favorece um governo com melhor desempenho e se, a partir desses valores que fortalecem a sociedade civil, esse fortalecimento é benéfico para a democracia e promove o bem-estar coletivo como sinalizou Tocqueville.

# 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEÓRICA

## 1.1 – O mundo da antiguidade e a Era Axial

O filósofo alemão Karl Jaspers identificou um período da história humana, o qual denominou de *Era Axial*, entre aproximadamente 800 e 200 a.C., em que “o homem como ele é hoje nasceu”<sup>3</sup>. Uma época de extraordinário desenvolvimento nos diversos campos do saber humano em que surgiu, quase simultaneamente em regiões distintas do planeta, as grandes tradições mundiais da humanidade, embora uma não soubesse da existência da outra. Na China, surgiu o confucionismo e o taoísmo; na Índia, o hinduísmo e o budismo; na Palestina, os profetas hebreus e o monoteísmo; no Irã, o zoroastrismo; na Grécia, o racionalismo filosófico. Em resumo, como destaca Karen Armstrong: “A *Era Axial* foi um dos períodos mais seminais da mudança intelectual, psicológica, filosófica e religiosa que a história registra”, e acrescenta que nunca ocorreria nada de tamanha magnitude “até a *Grande Transformação Ocidental*, que instituiu nossa modernidade científica e tecnológica”.<sup>4</sup>

Esse período de tanta efervescência cultural, filosófica e espiritual do mundo antigo deixou como legado à espécie humano muitas das bases, valores e tradições que, de muitas formas, ajudaram a definir e moldar o mundo e a cultura hodiernos. Ainda há de se destacar que nesse período marcado pela agitação do espírito humano, o indivíduo ganhou consciência de si mesmo e, a partir de então,

---

<sup>3</sup> Jaspers, Karl. “The Axial Age of Human History”. *Commentary*, 6 (1948). pp. 430.

<sup>4</sup> Armstrong, Karen. *A Grande Transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 12.

uma batalha erigiu em seu interior. As opiniões e costumes que outrora eram tacitamente aceitos, passaram a ser questionados, testados, transformados e até extintos.

*“Toda essa transformação da condição do homem pode ser chamada de uma espiritualização. Um impulso que surge das profundezas inexploradas da vida desprendida dos esteios da existência, a transformar polaridades estáveis em antinomias e conflitos. O homem não era mais autossuficiente. Ele tinha se tornado inseguro de si, e assim se abriu para possibilidades novas e ilimitadas.”*<sup>5</sup>

Então, como colocou Jaspers, na *Era Axial* acontece a descoberta do que mais tarde será chamado de razão e personalidade. E, a partir dessa possibilidade de insubmissão do pensamento, agora independente, abria-se precedente para demandar maiores liberdades. Esse desenvolvimento do indivíduo e da sociedade tinha por base o conflito, logo não transcorreu de uma maneira simples, ascendente e contínua, todavia foi complexo, movido tanto por forças criativas, como destrutivas.

Ademais, essa espiritualização que explorava as mais elevadas aspirações humanas se inseria num contexto bastante elitizado, do qual as massas estavam muito distanciadas. Por conta disso, tal desenvolvimento nunca teve suas potencialidades plenamente realizadas<sup>6</sup>. Ou seja, a própria exclusão das massas desse processo constituía um fator restritivo à sua completa consecução. Mas ao final, como ponderou o autor, não obstante o distanciamento das massas das novas possibilidades que se abriram ao ser humano, “o que o indivíduo se tornou,

---

<sup>5</sup> Jaspers, Karl. *Op. cit.*, pp. 431.

<sup>6</sup> *Ibidem.* pp. 433.

*indiretamente modificou todas as coisas e a humanidade como um todo deu um salto adiante*".<sup>7</sup>

A *Era Axial* legou ao gênero humano importantes produtos como as categorias básicas do pensamento que continuam a ser utilizadas, sobretudo o racionalismo filosófico grego, e os primórdios das religiões mundiais, cujos valores e preceitos, diretamente ou indiretamente, ainda hoje são adotados por grande parte das pessoas. Isto é, estes legados, advindos de épocas remotas, sobreviveram ao contínuo movimento que se registrou na história de decadência dos grandes impérios e fundação de novos, o que evidencia a relevância do tema e também como os valores são constitutivos dos indivíduos e por conseguinte das sociedades que estes venham a formar.

## **1.2 – O mundo da modernidade e o contexto democrático**

A degeneração dos governos — estejam estes sob a responsabilidade de uma pessoa, de poucas, ou de um grande número de pessoas — de que nos fala Aristóteles<sup>8</sup> não é exclusividade do mundo antigo. Mesmo assim, a democracia, com seus defeitos e virtudes, é, como diria o estadista britânico Winston Churchill (1874-1965), “o pior dos regimes, à exceção dos demais”. Assim, se no mundo antigo — com todas as restrições de possibilidades que recaía sobre os povos, especialmente sobre as massas —, os costumes, os valores, as tradições e as crenças que se desenvolveram àquela altura foram fundamentais para a formação

---

<sup>7</sup> Jaspers, Karl. *Op. cit.*, pp. 432.

<sup>8</sup> Aristóteles. *Ética a Nicômacos*. Brasília: Editora UnB. 2001. pp.165 . & Aristóteles. *Política*. Brasília: Editora UnB, 1997. pp.123.

e o desenvolvimento do mundo atual, muito maiores e ilimitadas são as possibilidades que se configuram no presente, sobretudo em face do contexto democrático em que “o governo da democracia faz com que a idéia de direitos políticos desça até o menor dos cidadãos”.<sup>9</sup>

A conceituação de democracia a qual utilizaremos foi extraída por Raymond Aron (1905-1983) ao analisar a obra e o pensamento de Alexis de Tocqueville:

*“A seus olhos, a democracia consiste na igualização das condições. Democrática é a sociedade onde não subsistem distinções de ordens e de classes; em que todos os indivíduos que compõem a coletividade são socialmente iguais, o que não significa que sejam intelectualmente iguais, o que é absurdo, ou economicamente iguais, o que, para Tocqueville, é impossível. A igualdade social significa a inexistência de diferenças hereditárias de condições; quer dizer que todas as ocupações, todas as profissões, dignidades e honrarias são acessíveis a todos.”*<sup>10</sup>

Essa conceituação de democracia associada à igualdade de oportunidades, traz em si um caráter meritocrático importante para a manutenção do sistema democrático, pois que pelo trabalho e esforço de cada um é que se alcança as distinções nas sociedades democráticas. Contudo, como asseverou Tocqueville, “o individualismo é de origem democrática e ameaça desenvolver-se à medida que se igualam as condições”<sup>11</sup>. Ou seja, à medida que as condições vão se igualando, as disparidades vão se reduzindo e os indivíduos passam a duvidar do seu poder e capacidade de exercer “grande influência sobre a sorte de seus semelhantes”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Tocqueville, Alexis de. *A democracia na América*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1987. pp.185.

<sup>10</sup> Aron, Raymond, *As Etapas do Pensamento Sociológico*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. pp.221.

<sup>11</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp.386.

<sup>12</sup> *Ibidem*. pp. 387.

Ao passo que, o incremento de sua condição os torna relativamente autossuficientes. Logo, somados esses dois fatores, os indivíduos tenderiam a se dedicar exclusivamente à sua pequena sociedade particular, composta por familiares e amigos, e a se isolar da sociedade como um todo, renegando o espírito público.

Outro aspecto que Tocqueville considerou representar perigo aos povos democráticos é o materialismo. Para ele, “*A democracia favorece o gosto pelos prazeres materiais*”<sup>13</sup> e a liberdade proporcionada por esta permite aos indivíduos mais facilmente buscá-los, o que até certo ponto é extremamente positivo, pois é uma forma de exercício da liberdade, todavia, como expôs o autor, caso se tornasse excessivo o gosto por tais prazeres, isso levaria a crer que tudo se resume à matéria. Então, esse crença uma vez incorporada como valor, em uma sociedade democrática, traria efeitos nefastos: indivíduos que “*preocupados apenas com o cuidado de fazer fortuna, não mais percebem o estreito laço que une a fortuna particular de cada um deles à prosperidade de todos*”<sup>14</sup>. Ainda coloca o autor, que, eliminada essa percepção de ligação do indivíduo com a sociedade, via de regra, aqueles que desenvolvem a paixão pelos bens materiais acabam por descobrir na liberdade um estorvo ao seu bem-estar, “*antes de perceber como a liberdade serve para proporcioná-lo*”.<sup>15</sup>

Igualmente lhes parece contratempo o exercício de seus deveres políticos, pois consome seu precioso tempo. Tal percepção errônea da liberdade também tornaria propícia a ascensão de usurpadores autoritários ao poder. Pois, enquanto cada qual quer cuidar apenas dos seus interesses particulares, alguém precisa tratar

---

<sup>13</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 416.

<sup>14</sup> *Ibidem.* pp. 412.

<sup>15</sup> *Ibidem.* pp. 413.

do que é comum a todos. Assim, a partir do exposto fica claro que — de maneira análoga ao que ocorre com os medicamentos, em que a dose pode determinar a diferença entre o que é um remédio benéfico e o que é danoso ao organismo humano —, para a democracia, a igualdade e a liberdade precisam ser administradas de tal sorte que a saúde do regime democrático não seja comprometida.

## 2 – QUANTO À SUPERAÇÃO DOS PERIGOS DA DEMOCRACIA

### 2.1 – Tocqueville e a sociedade norte-americana

Em sua profunda análise da sociedade norte-americana de sua época, Tocqueville salientou a importância de se considerar os costumes como uma das "*grandes causas gerais às quais se pode atribuir a conservação da república democrática*"<sup>16</sup>. Por costumes, tinha um entendimento mais amplo, ligado ao sentido antigo da palavra *mores*, que além dos costumes propriamente ditos, aplica-se também "*às diferentes noções que os homens possuem, às diversas opiniões que correm entre eles e ao conjunto das idéias de que se formam os hábitos do espírito*".<sup>17</sup>

Tocqueville ainda enfatizou que um entendimento mais acurado da civilização anglo-americana só é possível tendo por ponto de partida, e este "*deve estar presente sem cessar no pensamento*"<sup>18</sup>, que ela é produto de dois elementos perfeitamente distintos: o espírito de religião e o espírito de liberdade. O primeiro, teria por característica a classificação, a coordenação e a previsão de tudo. No segundo, tudo seria agitado, contestado e incerto. Este dois aspectos da vida humana, apesar de diferentes, não seriam necessariamente contraditórios, e teriam sido, de alguma forma, harmonizados pelo povo norte-americano, atingindo-se até o apoio mútuo entre esses dois elementos.<sup>19</sup>

#### 2.1.1 – O Espírito de Liberdade

---

<sup>16</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 221.

<sup>17</sup> *Idem.*

<sup>18</sup> *Ibidem.* pp. 42.

<sup>19</sup> *Idem.*

Dentre os valores e costumes analisados que considerava favoráveis à manutenção da democracia, sobretudo em face do individualismo que a igualdade faz levantar, Tocqueville apontou a liberdade como o único “*remédio eficiente*”<sup>20</sup>. E uma das formas pelas quais os americanos exerciam a liberdade era por intermédio das instituições livres, concedendo “*à nação inteira uma representação de si mesma*” e dando “*uma vida política a cada porção do território*”<sup>21</sup>, o que multiplicava enormemente as oportunidades para os cidadãos se encontrarem e participarem em conjunto da política do país. Portanto, tal participação, bem como o constante exercício dos direitos políticos se mostrariam eficientes contra o individualismo justamente por essa prática manter viva a idéia de vida em sociedade, de interdependência entre os pessoas, enfim de que a participação traz resultados que beneficiam a todos. E esse indivíduo participativo, seja por benevolência ou não, “*A todo momento, dirige o seu espírito para a idéia de que o dever, tanto quanto o interesse dos homens, é tornarem-se úteis aos seu semelhantes*”.<sup>22</sup>

Ainda no que se refere ao exercício da liberdade como um fator de sustentação da democracia, em detrimento do individualismo, Tocqueville também asseverou que “*Depois da liberdade de agir sozinho, a mais natural ao homem é a de combinar os seus esforços com os esforços de seus semelhantes e agir em comum*”<sup>23</sup>. Certamente, sempre haverá assuntos e atribuições, afora as questões estratégicas e de segurança nacional, em que a administração do Estado se fará imprescindível. Tanto que, para ilustrar, em *Memoir on Pauperism* (1997), Tocqueville, possuidor de fortes restrições à ação permanente dos governos no que

---

<sup>20</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 391.

<sup>21</sup> *Ibidem.* pp. 389.

<sup>22</sup> *Ibidem.* pp. 391.

<sup>23</sup> *Ibidem.* pp. 149.

tange a caridade pública — pois acreditava que o caráter permanente desta poderia levantar mais misérias, bem como a dependência dos favorecidos —, reconhecia, mais que a utilidade, a necessidade deste tipo de ação ao se tratar de determinadas questões <sup>24</sup>. Além do mais, tal ação está sujeita à burocracia estatal a qual geralmente a torna exclusiva aos que estão inscritos em determinada jurisdição, e são possuidores de residência fixa e de toda uma leva de documentos requisitados, o que acabaria por excluir os mais necessitados. Então, sem liberar o Estado de qualquer responsabilidade para com a sociedade, sobretudo num contexto de elevada demanda, o que afeta a qualidade, a quantidade e a abrangência dos serviços ofertados, há de se elevar à mais alta consideração o papel que a sociedade pode e deve desempenhar.

Sobre o assunto, um destaque especial foi feito por Tocqueville à capacidade dos americanos de se associarem na vida civil e política:

*“Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, estão constantemente a se unir. Não só possuem associações comerciais e industriais, nas quais todos tomam parte, como ainda existem mil outras espécies: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito particulares, imensas e muito pequenas; (...) associam-se para dar festas, fundar seminários, construir hotéis, edificar igrejas, distribuir livros, (...) criam hospitais, prisões, escolas. Trata-se, enfim, de trazer à luz ou se desenvolver um sentimento pelo apoio de um grande exemplo, eles se associam. (...) Assim o país mais democrático da terra verifica-se ser aquele onde os homens mais aperfeiçoaram (...) a arte de procurar em comum o objeto dos seus comuns desejos e aplicaram ao maior número de objetos essa ciência nova.”* <sup>25</sup>

Tendo em vista a mensuração dos efeitos decorrentes do fenômeno da associação, uma dimensão qualitativa sobre os diferentes tipos de ações que as mais

---

<sup>24</sup> Tocqueville, Alexis de. *Memoir on Pauperism*. London: Civitas, 1997, pp. 37-38.

<sup>25</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 391-392.

diversas associações desenvolvem é levantada por Francis Fukuyama: “*Embora ligas de boliche (...) sejam, como sugere Tocqueville, escolas de cooperação e espírito público, elas são obviamente instituições muito diferentes do US Marine Corps ou da Igreja Mórmon*” <sup>26</sup>. Para ele, então, as ligas de boliche se diferenciariam enormemente das outras associações citadas por sua capacidade de atuação e pelo tipo de ação que promovem. E completa: “*uma liga de boliche, para dizer o mínimo, não é capaz de invadir de súbito uma praia*” <sup>27</sup>. Contudo, independentemente de uma associação realizar uma ação maior ou menor, de importância, ou influência, relativamente superior ou inferior do que outras associações, depreende-se que, para Tocqueville, o mais relevante é o efeito das associações na vida social como um todo, o combate ao isolamento dos indivíduos que a igualdade faz levantar na democracia. O que está amparado em sua afirmativa: “*Os sentimentos e as idéias não se renovam, o coração não cresce e o espírito não se desenvolve a não ser pela influência recíproca dos homens uns para com os outros. (...) E somente as associações são capazes de fazê-lo*”. <sup>28</sup>

Assim, sem sombra de dúvida, as ações de maiores proporções trazem maiores repercussões, como é dedutível da terceira Lei de Newton. E para fins metodológicos de mensuração essa consideração trazida por Fukuyama é de grande valor. No entanto, indo além do mencionado aspecto qualitativo, o que mais é ressaltado por Tocqueville é a resultante da coexistência dos mais distintos tipos de ações que as mais diferentes associações realizam. Além disso, a participação em associação pode se tornar bastante complexa, o que afeta sua mensuração,

---

<sup>26</sup> HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P. (editors), *et al. Culture Matters: how values shape human progress*. New York: Basic Books, 2000. In: Francis Fukuyama, “Social Capital”, pp. 101.

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 393.

pois uma mesma pessoa pode ser concomitantemente membro de vários grupos, o que promove direta e indiretamente a troca de experiência, ou até parcerias entre as associações diferentes.

Como apontaram Christian Welzel e Ronald Inglehart, a essência da democracia está em empoderar os cidadãos comuns, “*mas apenas assegurando eleições não se atinge isso. Requer mais que a simples aprovação de leis que formalmente estabelecem direitos políticos para empoderar as pessoas*”<sup>29</sup>. Assim, a ciência da associação, a qual Tocqueville chamou de a ciência mãe na democracia<sup>30</sup>, empodera a sociedade na medida em que mobiliza as pessoas de forma organizada para promover o bem-estar coletivo. Ou seja, os cidadãos por si próprios se apercebem da força que podem adquirir unindo-se e realizam suas vontades comuns sem depender do Estado, e, de fato, passam a exercer seu poder na sociedade, seja de maneira positiva ou negativa. Portanto, “*Nada há que a vontade humana se desespere de atingir pela ação simples do poder coletivo dos indivíduos*”.<sup>31</sup>

Contudo, afirmou Tocqueville, “*Penso que não há principio, apesar de bom, que toda consequência possa ser considerada boa*”<sup>32</sup>. E as associações não seriam exceção ao seu pensamento, pois a liberdade política ilimitada também pode trazer efeitos negativos. Entre esses efeitos, Fukuyama apontou que alguns grupos podem promover a intolerância, o ódio e até mesmo a violência contra os que não são membros<sup>33</sup>, ou que não se enquadrem ou partilhem de valores defendidos pelo grupo. Entre os que promovem um ou mais dos efeitos mencionados estão:

---

<sup>29</sup> WELZEL, Christian; INGLEHART, Ronald. “The Role of Ordinary People in Democratization”. *Journal of Democracy*. Vol.19, nº. 1, Jan. 2008. The Johns Hopkins University Press. pp.128.

<sup>30</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 394.

<sup>31</sup> *Ibidem*. pp. 147.

<sup>32</sup> Tocqueville. (1997) *Op. cit.*, pp. 36.

<sup>33</sup> HARRISON, Lawrence E., *et al.* *Op. cit.*, 2000. In: Francis Fukuyama, “Social Capital”, pp. 100-102.

a Ku Klux Klan, os Skinheads, as máfias, no que se refere ao caso brasileiro, as gangues, as associações criminosas que promovem o tráfico de drogas, armas e seres humanos; enfim, os grupos criminosos e/ou terroristas em geral. Talvez, por antever a possibilidade de ocorrências dessa natureza, teria Tocqueville alertado:

*“de modo nenhum acredito que uma nação seja sempre senhora de deixar aos cidadãos o direito absoluto de se associar em matéria política, e duvido mesmo que, em qualquer país e em qualquer época, fosse prudente não opor limites à liberdade de associação.”*<sup>34</sup>

### 2.1.2 – O Espírito de Religião

Para Tocqueville, o espírito de religião — o qual definiu como um dos dois fundamentos da civilização anglo-americana, a combinar-se com o espírito de liberdade —, por suas características, seria considerado como “*salvaguarda dos costumes*” e “*os costumes, como garantia das leis e penhor da sua própria preservação*”<sup>35</sup>. Desta forma, após a exposição de algumas das implicações que diferentes combinações da liberdade com a igualdade podem suscitar — especialmente a apatia social decorrente do individualismo e do materialismo, bem como os aspectos negativos da liberdade de associação —, uma dimensão ético-espiritual se coloca necessária à manutenção da democracia.

*“não é conveniente acreditar que, em tempo algum e seja qual for o estado político, a paixão dos gostos materiais e as opiniões que se prendem a ela poderão bastar a todo um povo. O coração do homem é maior do que o supomos; pode encerrar, a um tempo, o gosto pelos bens da terra e o amor aos do céu; às vezes, parece entregar-se perdidamente a um dos dois; mas nunca fica muito tempo sem pensar no outro.”*<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 400.

<sup>35</sup> *Ibidem.* pp. 42.

<sup>36</sup> *Ibidem.* pp. 416-417.

Logo, é da natureza humana, como afirma o educador Paiva Netto, por mais que os indivíduos tenham saciadas suas necessidades materiais, as espirituais e intelectuais igualmente precisam ser preenchidas. O contrário também é verdadeiro, preenchidas as necessidades espirituais e intelectuais, mas faltando-lhes os meios e os recursos materiais para agir, os indivíduos de maneira análoga não estarão plenamente satisfeitos.

*“se os governos do mundo inteiro, num ato milagroso, resolvessem todos os problemas sociais de seus povos, as massas continuariam insatisfeitas, porque não somos apenas cérebro, estômago, sexo; todavia, algo mais, muito mais, somos Espírito! E este tem aspirações situadas além das do corpo. Somos também sentimento refinado, vontade de descobrir novos campos, novas eras, novas dimensões. Somos Almas livres em Deus e não admitimos algemas”.<sup>37</sup> (...) “Na verdade, o Ser Humano, sabendo ou não, **procura instintivamente o equilíbrio**, que só pode advir do exercício da Fraternidade, a grande esquecida — como lamentava Dom João Bosco (1815-1888) — da trilogia da Revolução Francesa (Liberté, Égalité, Fraternité).”<sup>38</sup>*

E concluiu a respeito da falta de fraternidade e dos abusos cometidos em nome da liberdade, que a tanta gente guilhotinou na citada revolução.

*“Liberdade sem Fraternidade é condenação ao caos”.<sup>39</sup>*

Assim, a partir dos aspectos levantados, as religiões seriam, de maneira geral, modos simples e práticos de ensinar a imortalidade da alma, de chamar a atenção

---

<sup>37</sup> Paiva Netto, José de. *Somos Todos Profetas*. São Paulo: Elevação, 1991. 43ª Ed. pp.154.

<sup>38</sup> Paiva Netto, José de. *É Urgente Reeducar!*. São Paulo: Elevação, 2000. pp.46. (grifos no original) – Documento remetido em diversos idiomas, aos chefes de Estado, alto comissariado, representantes do setor privado e sociedade civil de mais de 100 países, reunidos pela ONU em sua sede, em Viena, Áustria, durante o *High-Level Segment 2000*, do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no qual a instituição presidida pelo autor, a LBV, possui status consultivo geral.

<sup>39</sup> Paiva Netto, José de. *Cidadania do Espírito*. São Paulo: Editora Elevação, 2001. pp.95.

para os prazeres imateriais <sup>40</sup>. Trata-se, portanto, do resgate de uma característica inata ao indivíduo:

o “**sentido de religiosidade**, que se expressa das mais variadas formas altruísticas.” <sup>41</sup>

Tal sentido existe independentemente da adesão formal a uma denominação religiosa, logo “é inerente ao indivíduo, mesmo quando este se declara ateu<sup>42</sup>”. Pois, até uma pessoa que diga não acreditar em uma *Causa causarum*, ou em um princípio inteligente criador do Universo e de todas as formas de vida que nele se encontrem, também chamado por Deus, “há de nutrir, para dizer o mínimo, bons sentimentos” por seus familiares, amigos e mestres, e de ter uma preocupação, por menor que seja, com o futuro das gerações subsequentes à sua própria. E, a consequência social de se negligenciar esse *sentido de religiosidade*, como colocou Paiva Netto, é que:

“Sem o proverbial estímulo da *Solidariedade ensinada pelo Cristo e pelos luminares das crenças e pensadores de escol*, o progresso humano sempre ficará aquém das expectativas do coletivo”. <sup>43</sup>

Desta forma, a preocupação política com o futuro do país não deixa de ser uma maneira de fortalecer o sentido de religiosidade, o qual leva os indivíduos a pensarem sobre os destinos da nação, que país as próximas gerações encontrarão e principalmente acerca do que pode ser feito para melhorar o cenário futuro. Por conseguinte, as ações passam a ser tomadas de maneira mais refletida, logo mais eficiente, considerando suas repercussões e possíveis consequências. Sobre o

---

<sup>40</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 416.

<sup>41</sup> Paiva Netto. (2000) *Op. cit.*, pp.31. (grifo no original)

<sup>42</sup> Paiva Netto, José de. *Diretrizes Espirituais da Religião de Deus Vol.3*. São Paulo: LBV,1994. pp.62.

<sup>43</sup> Paiva Netto. (2000) *Op. cit.*, pp. 40.

assunto assim se expressou Tocqueville: “*Em todos os tempos, é importante que aqueles que dirigem as nações se conduzam em vista do futuro*”. E acrescentou a isso: “*Assim agindo, os chefes das democracias não só fazem prosperar os negócios públicos mas ainda, pelo seu exemplo, ensinam aos particulares a arte de conduzir os negócios privados*”<sup>44</sup>. Portanto, de maneira antagônica à lógica que o excesso pelos gostos materiais desencadeia, essa espiritualização da política, por seu efeito pedagógico na condução da vida privada, acaba por fortalecer o laço entre os indivíduos e a sociedade.

Embora não seja difícil notar a importância para democracia de “*fazer reinar as opiniões espiritualistas*”<sup>45</sup>, no campo prático, tal intento não dispõe de semelhante facilidade. Após analisar várias possibilidades, com intrepidez, concluiu Tocqueville:

*“Neste caso, que meios restam à autoridade para conduzir os homens para as opiniões espiritualistas ou para mantê-los na religião que as sugere? O que vou dizer certamente irá prejudicar-me aos olhos dos políticos. Creio que o único meio eficaz de que se podem servir os governos para fazer respeitar o dogma da imortalidade da alma, é agir todos os dias como se eles mesmos cressem nele”.*<sup>46</sup>

Levantada por Tocqueville essa questão moral e pedagógica do exemplo, depreende-se que em política os indivíduos que possuem mais visibilidade, conseguem dar maior projeção a suas ações, passam a ser vistos como arquétipos a serem seguidos e, com isso, invocam para si maiores responsabilidades perante os demais. Como já dizia Napoleão Bonaparte (1769-1821): “*As palavras indicam o caminho, mas os exemplos arrastam*”. Assim, tendo em conta essa perspectiva,

---

<sup>44</sup> Tocqueville. (1987) *Op. cit.*, pp. 419.

<sup>45</sup> *Ibidem.*, pp. 417.

<sup>46</sup> *Idem.*

iremos analisar as repercussões advindas das ações e de seus valores norteadores os quais os governantes e as diferentes comunidades propagaram na Itália. Ou em outras palavras, que valores e de que forma estes interferem na sociedade.

## **2.2 – Putnam e a sociedade italiana**

Enquadrando-se entre os cientistas sociais de inclinação neotocquevilleana, Robert Putnam desenvolveu seu trabalho explorando as evidências empíricas de que a qualidade da vida pública e o desempenho institucional são fortemente influenciados pelas normas e redes de engajamento cívico. É do seu entendimento que para um bom desempenho uma instituição democrática tem de ser sensível às demandas do eleitorado e, ao mesmo tempo, tem de ser eficiente na utilização dos recursos limitados ao atender essas demandas <sup>47</sup>.

Para atingir suas conclusões, examinou a relação entre o desempenho institucional e a natureza da vida cívica, que chamou de **comunidade cívica**, e está ligado ao que Tocqueville analisou acerca da relação entre os costumes e as práticas políticas de uma sociedade. Para o entendimento dos efeitos dessa natureza cívica na sociedade, o conceito utilizado foi o de **capital social**, cuja idéia central é que as redes e as normas de reciprocidade generalizada, assim como outros tipos de capital, possuem valor e este pode ser mensurado.

### **2.2.1 – A Comunidade Cívica**

Suas pesquisas sistemáticas sobre a comunidade italiana mostraram que a qualidade da governança era determinada pela longa permanência das tradições

---

<sup>47</sup> Putnam, Robert D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 25.

de engajamento cívico, ou pela ausência das mesmas (as regiões cívicas e as não-cívicas). Em seu entendimento, a *comunidade cívica* diz respeito aos padrões de **participação cívica** e solidariedade social. Assim, além da participação nos negócios públicos, a cidadania nesse tipo de comunidade implica direitos e deveres iguais a todos, a **igualdade política**, e também implica maiores níveis de **solidariedade, confiança e tolerância**. O que não quer dizer que esta esteja livre de conflitos, há o debate acalorado das questões públicas com opiniões firmes e divergentes, porém igualmente há a tolerância e o respeito entre os oponentes. Após examinar a relação entre desempenho institucional e conflito nas diferentes regiões da Itália, Putnam não encontrou nenhuma correlação entre conflito e comunidade cívica <sup>48</sup>. Outro importante aspecto destacado pelo autor é a existência de certas estruturas e práticas sociais que incorporam e reforçam as normas e os valores da comunidade cívica, tratando-se, portanto, das **associações** tão destacadas por Tocqueville. <sup>49</sup>

Para mensurar o nível de civismo nas comunidades italianas, o autor formou um índice composto, o que metodologicamente implica em um padrão mais significativo e coerente, pois utilizando um indicador apenas pode se chegar a uma conclusão errônea. Entre os indicadores de engajamento público que compõem seu índice de comunidade cívica, tem-se o comparecimento às urnas com (1) o voto preferencial em eleições gerais e (2) o comparecimento a referendos; outro indicador analisa (3) o público leitor de jornais; e o último, (4) a participação em sociedades orfeônicas e clubes de futebol. Quanto a adoção desses indicadores há de se mencionar que o voto em eleição geral na Itália é para escolher uma única chapa

---

<sup>48</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op.cit.*, pp. 130.

<sup>49</sup> *Ibidem*. pp. 97;101-105.

partidária, mas há a possibilidade do voto preferencial, isto é, o voto que indica a preferência por um determinado candidato desta chapa. Assim a incidência desse tipo de voto é um indicador do personalismo e de clientelismo. O comparecimento em referendo é uma boa medida de civismo, porque a motivação principal de quem vota é o interesse pelas questões públicas, já que esse mecanismo constitucional não traz as mesmas possibilidades de vantagens pessoais que uma eleição geral poderia oferecer. Por ser o meio que reserva maior espaço para as questões da comunidade, o número de leitores de jornais reflete o interesse pelos assuntos comunitários. Quanto ao último, a associação é um indicador básico para se medir o civismo e as associações desportivas e culturais constituem um indicador importante para o caso italiano.<sup>50</sup>

A partir dos resultados medidos nas vinte regiões que compõem a Itália, Putnam constatou o seguinte a respeito das regiões cívicas, que estariam localizadas predominantemente ao norte do país:

*“Em muitas regiões da Itália existem muitas sociedades orfeônicas, clubes de futebol (...). A maioria dos cidadãos dessas regiões acompanham atentamente os assuntos comunitários nos jornais diários. Eles se envolvem nos negócios públicos, mas não devido à política personalista ou clientelista. Confiam em que todos procedam corretamente e obedeçam à lei. Nessas regiões, os líderes são razoavelmente honestos. Acreditam no governo popular e dispõem-se a entrar em acordo com seus adversários políticos. (...) As redes sociais e políticas se organizam horizontalmente e não hierarquicamente. A comunidade valoriza a solidariedade, o engajamento cívico, a cooperação e a honestidade. O governo funciona. Não admira que nessas regiões o povo esteja contente!”<sup>51</sup>*

---

<sup>50</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op.cit.*, pp.105-113.

<sup>51</sup> *Ibidem.* pp.128.

E sobre as regiões não-cívicas, as quais estariam predominantemente situadas ao sul do país, constatou o seguinte:

*“Nelas a vida a vida pública se organiza hierarquicamente, em vez de horizontalmente, e o próprio conceito de ‘cidadão’ é deformado. Do ponto de vista do indivíduo, a coisa pública é problema dos outros — i notabili, ‘os chefões’, ‘os políticos’ — e não meu. Poucos querem tomar parte das deliberações sobre o bem público, e poucas oportunidades existem para isso. A participação política é motivada pela dependência ou ambição pessoais, e não pelo interesse coletivo. A afiliação a associações sociais e culturais é inexpressiva. (...) A corrupção geralmente é considerada a norma (...). Presos nessa cadeia de círculos viciosos, quase todos se sentem impotentes, explorados e infelizes. Considerando tudo isso, não é de admirar que nessas regiões o governo seja menos eficaz do que nas comunidades mais cívicas.”*<sup>52</sup>

Por conta de as regiões que hoje são cívicas serem industrializadas e de serem mais desenvolvidas socialmente e economicamente do que as regiões não-cívicas, poderia se pensar que esse desenvolvimento fosse o sustentador da cultura cívica. Contudo, contrariando essa tese, a análise de dados históricos constatou que as regiões cívicas não começaram mais ricas e nem sempre foram ricas, mas *“permaneceram mais cívicas desde o século XI”*<sup>53</sup>. Além disso, ao utilizar as tradições cívicas e o desenvolvimento socioeconômico registrados no passado para prever o atual desenvolvimento econômico, constatou-se ser o civismo um prognosticador muito melhor desse desenvolvimento atual do que o próprio desenvolvimento registrado no passado<sup>54</sup>. Por fim, Putnam chegou à seguinte conclusão: *“De fato, as análises históricas sugeriram que estas redes de*

---

<sup>52</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op.cit.*, pp. 128.

<sup>53</sup> *Ibidem.* pp.162.

<sup>54</sup> *Ibidem.* pp.166.

*reciprocidade organizada e solidariedade cívica, longe de serem um epifenômeno da modernização socioeconômica, foram uma precondição para isto”* <sup>55</sup>.

### **2.2.2 – O Capital Social**

Estabelecendo uma analogia com o que representa as ferramentas para o capital físico e o treinamento para o capital humano, assim definiu Putnam: “*‘capital social’ se refere às características da organização social tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo*” <sup>56</sup>. Desta forma, compartilhar valores e normas pura e simplesmente não produz *capital social*, se o que se partilha não promove esse incremento das relações sociais. Isso pode ser notado, por exemplo, no sul da Itália que, apesar de possuir fortes normas sociais, é uma região caracterizada pela escassez de capital social e de confiança generalizada. Por sua vez, a confiança nas relações sociais, como destacou Fukuyama: “*funciona como um lubrificante que faz qualquer grupo ou organização proceder de modo mais eficiente*” <sup>57</sup>.

Por não ser homogêneo, o *capital social* se apresenta sob as múltiplas dimensões, assim sendo Putnam destacou que algumas formas podem ser mais formalmente organizadas com grupos que tenham um presidente, obrigações que os membros devem cumprir, podem até ter abrangência nacional; e outras formas podem ser bem mais informais, como acontece com um grupo que se reúne todas as quintas-feiras em um bar. No entanto, os dois casos constituem redes que podem,

---

<sup>55</sup> Putnam, Robert D. “Bowling Alone: America’s Declining Social Capital”. *Journal of Democracy*, 6:1, Jan 1995, pp.66.

<sup>56</sup> Putnam, Robert D. (1995) *Op.cit.*, pp.67.

<sup>57</sup> HARRISON, Lawrence, *et al.* (2000) *Op. cit.*, In: Francis Fukuyama, “Social Capital”, pp. 98.

sem dificuldades, desenvolver a reciprocidade e trazer ganhos. Ilustrando com dois casos extremos, de um lado poderia se ter formas de capital social densamente entrelaçadas, como um grupo de metalúrgicos que trabalham juntos todo dia em uma fábrica, jogam boliche juntos aos sábados e frequentam a mesma igreja todo domingo. Num outro extremo, pode se ter formas muito tênues, quase invisíveis, de capital social, como aquele aceno com a cabeça para uma pessoa que mal conhece, mas encontra ocasionalmente no supermercado <sup>58</sup>. Apesar de essas formas mais casuais aparentarem não ter muita importância, Putnam alertou que elas não devem ser menosprezadas. “*Existem boas evidências experimentais de que se você acena com a cabeça para as pessoas, elas estão mais propensas a ir ao seu socorro se você tiver uma doença repentina ou um ataque cardíaco, do que se não acenasse para elas, mesmo sem conhecê-las.*” <sup>59</sup>

Sobre a dinâmica que envolve o capital social, Putnam expôs que a confiança e outras formas de capital social, como as normas e cadeias de relações sociais, opostamente ao que acontece com o capital físico, por exemplo, multiplicam-se com o uso e se reduzem quando não utilizadas. A partir disso, concluiu que a criação e a dilapidação do capital social se caracterizam por círculos virtuosos e círculos viciosos. E a respeito do caso italiano asseverou que “*A progressiva acumulação de capital social é uma das principais responsáveis pelos círculos virtuosos da Itália cívica*”<sup>60</sup>. Assim, os sistemas da participação cívica, como os mencionados nos indicadores de comunidade cívica e a confiança tão necessária à cooperação, representam uma forma essencial de capital social, e quanto mais se desenvolvem maiores se tornam

---

<sup>58</sup> Putnam, Robert D. “Social Capital Measurement and Consequences”. *Canadian Journal of Policy Research*, 2(1), 2001, pp. 42.

<sup>59</sup> Putnam, Robert D. (2001) *Op. cit.*, pp. 42.

<sup>60</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op. cit.*, pp.179-180.

as probabilidades de cooperação para o benefício mútuo. Pois, os círculos virtuosos favorecem equilíbrios sociais com altos níveis de cooperação, confiança, bem-estar coletivo, reciprocidade e civismo. Enquanto, a desconfiança dos círculos viciosos obstaculiza qualquer forma de cooperação voluntária. Além disso, os estoques de capital social em uma sociedade ajudam a reduzir os “*custos transacionais*” — custos de monitoração, contratos, julgamentos e de execução dos acordos formais<sup>61</sup> — pois há maior possibilidade de conciliação e maior vontade de resolver os problemas. E, também no que se refere aos dilemas da ação coletiva, por ter a característica da participação social em que o respeito às leis e às normas cívicas é um valor socializado, “*é mais fácil identificar e punir a eventual ‘ovelha negra’, de modo que a transgressão torna-se mais arriscada e menos tentadora*”<sup>62</sup>.

Os efeitos promovidos pela acumulação de um estoque substancial de capital social em uma comunidade são os mais diversos, resumindo-os assim se expressou Putnam:

*“Em primeiro lugar, redes de engajamento cívico alimentam fortes normas de reciprocidade generalizadas e encoraja a emergência da confiança social. Tais redes facilitam a coordenação e a comunicação, amplifica reputações, e assim permite que dilemas da ação coletiva sejam resolvidos. Quando negociações econômicas e políticas estão inseridas em densas redes de colaboração, interação social, os incentivos ao oportunismo são reduzidos.”*<sup>63</sup>

Assim, em termos tocquevilleanos, o espírito de liberdade que se encontra na participação cívica, o qual estimula a cooperação e a confiança social, associado ao

---

<sup>61</sup> HARRISON, Lawrence, *et al.* (2000) *Op. cit.*, In: Francis Fukuyama, “Social Capital”, pp. 99.

<sup>62</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op. cit.*, pp. 188.

<sup>63</sup> Putnam, Robert D. (1995) *Op. cit.*, pp. 67.

espírito de religião que motiva a continuação dessa participação mesmo quando os interesses econômicos e financeiros já tenham sido parcialmente ou totalmente atendidos — pois este remete à imaterialidade, à eternidade, aos valores espirituais, intelectuais e culturais — esses dois promovem mais que a manutenção, o desenvolvimento da democracia. O que acaba por redundar no fenômeno que Tocqueville havia mencionado e Putnam também: “*Finalmente, redes densas de interação provavelmente alargam nos participantes o senso do si mesmos, desenvolvendo o ‘Eu’ em ‘Nós’, ou (em linguagem dos teóricos da escolha racional) aumenta o ‘gosto’ dos participantes por benefícios coletivos*” <sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Putnam, Robert D. (1995) *Op. cit.*, pp. 67.

### 3 – ESTUDO DE CASO

O contexto brasileiro é marcado pela diversidade cultural; por uma sociedade complexa e dividida, como colocaria Putnam, com tendências cívicas e não-cívicas. Enfim, "O país não é um bloco monolítico" <sup>65</sup>. No entanto, é consensual que a educação é primordial em qualquer mudança efetiva e duradoura que se pretenda em uma sociedade. Putnam colocou que "a educação é um dos fatores que mais influenciam o comportamento político" <sup>66</sup>. E, o educador Paiva Netto, quanto à gravidade do assunto, asseverou, que:

*"enquanto não prevalecer o ensino eficaz por todos os de bom senso almejado, qualquer nação padecerá cativa das limitações que a si mesma se impõe."* <sup>67</sup>

Assim, por representar a escola uma espécie de laboratório social, representativo dos valores e das relações sociais que irão se reproduzir na vida em sociedade, além de ser, após o lar, a instituição, na qual crianças, adolescentes e jovens passam (ou deveriam passar) a maior parte do tempo, é que se optou por analisar este tipo de instituição. Sobre os problemas da educação, a evasão escolar e a violência figuram entre os piores. E seus efeitos são sentidos pela sociedade:

*"As conseqüências da evasão escolar podem ser sentidas com mais intensidade nas cadeias públicas, penitenciárias e centros de internação de adolescentes em conflito com a lei, onde os percentuais de presos e internos analfabetos, semi-alfabetizados e/ou fora do sistema de ensino quando da prática da infração que os levou ao encarceramento margeia, e em alguns casos supera, os 90% (noventa por cento). Sem medo de errar, conclui-se que é a falta de educação, no sentido mais*

---

<sup>65</sup> Almeida, Alberto Carlos. *Op cit.* pp. 25.

<sup>66</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op. cit.*, pp. 131.

<sup>67</sup> Paiva Netto, José de.(1991), pp. 191.

*amplo da palavra, e de uma educação de qualidade, que seja atraente e não excludente, e não a pobreza em si considerada, a verdadeira causa do vertiginoso aumento da violência que nosso País vem enfrentando nos últimos anos. O combate à evasão escolar, nessa perspectiva, também surge como um eficaz instrumento de prevenção e combate à violência(...)"* <sup>68</sup>

### **3.1 – O objeto de estudo: Escolas da LBV**

Os Centros Culturais e Educacionais da Legião da Boa Vontade (LBV) e mais especificamente, para efeitos de delimitação, o Instituto de Educação José de Paiva Netto (IEJPN) <sup>69</sup>, que é a escola-modelo localizada na capital paulista, foi escolhido como objeto desse estudo. A escola oferece educação infantil, ensino fundamental, médio, educação para jovens e adultos e cursos preparatórios para supletivo. Atende cerca de 1300 alunos. Da Educação Infantil ao 7º ano, o período é integral das 8h às 18h, o 8º ano e 9º ano, das 8h às 16h, e no Ensino Médio, das 7h às 15h40. Há de se destacar que se trata de uma instituição privada de utilidade pública, que oferece educação de qualidade e gratuita a alunos de baixa renda, que constituem a maior parcela do corpo discente. Portanto, a instituição é cônica de que se insere num contexto sócio- econômico complexo, no qual a educação e a instrução ofertadas são fatores determinantes para a vida pessoal e profissional dos educandos.

Por fim, a escolha se deveu ao fato de as escolas da rede de ensino da LBV possuírem índice de evasão zero e de constituírem um ambiente de não-violência. Nessas escolas também se incentiva a participação social e o voluntariado. Assim, o

---

<sup>68</sup> DIGIÁCOMO, Murillo José (2005). *Evasão escolar: não basta comunicar e as mãos lavar*. pp. 01. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/>. Acesso em: 05 mar. 2010.

<sup>69</sup> Todas as informações relativas às escolas da LBV foram obtidas junto à direção, com o apoio da diretora Professora Maria Sueli Periotto; das funcionárias Ássima e Elisângela; da voluntária, ex-aluna e historiadora Paula Sueli; e pelo site: <http://www.iejpn.com.br>.

estudo de caso procederá investigando, a partir de algumas das principais causas da evasão escolar, os fatores que favoreceram a escola analisada na obtenção de seus resultados, os quais são almejados por toda e qualquer escola.

### **3.2 – As causas da evasão escolar**

É recorrente separar as causas da evasão em função de sua origem: **estudante, escola, família e meio social**. No que tange ao aluno, tem-se principalmente: a falta de auto-estima, de recursos para comprar material escolar, desinteresse, gravidez, etc. No que se refere à escola, entre as causas estão: a falta de condições adequadas da mesma (salas, carteiras, sanitários, refeitórios/ cantina); professores com baixos salários, despreparados e/ou desinteressados.

*“Na verdade, falta um tratamento digno aos professores, que são órfãos de um sistema econômico desumano, que vigora em várias regiões do mundo. Para argumentar, podemos dizer que — onde lhes são permitidas melhores condições de existência material — lhes é negado o direito de pensar e sentir e — onde não lhes é vedada a ação de pensar — não lhes é concedido sobreviver decentemente...”<sup>70</sup>*

Acerca da família, há causas relacionadas a problemas familiares propriamente (por exemplo, uma doença que acomete um familiar e o aluno tem que se desligar da escola para cuidar do mesmo, ou para levantar recursos financeiros); o desinteresse, a falta de acompanhamento e de incentivo dos pais e/ou responsáveis. Quanto às causas relacionadas ao meio social, tem-se muitas vezes o desvio por

---

<sup>70</sup> Paiva Netto. (2000) *Op. cit.*, pp. 48

más companhias; o abandono escolar por incompatibilidade com o trabalho; agressão entre os alunos, a violência das gangues. <sup>71</sup>

Assim, a evasão escolar pode advir das mais variadas motivações, inclusive de muitas que sequer foram citadas. Uma causa sozinha pode até levar à evasão, ou não, mas todas elas de alguma maneira se relacionam, não são excludentes, e se somam, contribuindo para que, como resultado da equação de diversos fatores, o aluno termine por abandonar a escola antes da conclusão do ano letivo. E uma vez evadido da escola esse aluno poderá se enquadrar nas seguintes situações:

*“Muitos dos alunos evasores nunca mais voltam à escola. O que poderia ser um profissional preparado se continuasse nos bancos escolares, vai ser um trabalhador sem qualificação, com baixos salários ou ainda pior, um marginal, um desempregado a mais, na vida adulta, pois não encontra trabalho pelo fato de não ter se preparado. Entretanto, há casos que não chegam a esta situação. Alguns evasores das escolas voltam a estudar, fazem um curso supletivo, quando evadem do ensino regular. Ou então procuram outros meios de aprender alguma coisa para trabalharem e produzirem o suficiente para uma vida, embora modesta e honesta”. <sup>72</sup>*

### **3.3 – Análise e interpretação dos resultados**

Da mesma maneira que um conjunto de fatores favorecem a evasão, um conjunto de fatores favorecem a evasão zero e o ambiente de não-violência. No que se refere à escola e sua estrutura, além de salas de aula e laboratórios bem equipados, o colégio dispõe de quadras poliesportivas, biblioteca, brinquedoteca e ambientes para artes, inglês, caratê, balé, xadrez e expressão corporal. O quadro de funcionários é composto de 235 profissionais entre direção, auxiliares, professores,

---

<sup>71</sup> Bissoli, Ana Cristina; Rodrigues, Rosângela Mazzia. *Evasão Escolar: o caso do Colégio Estadual Antonio Francisco Lisboa*. pp.6-8. Disponível em: <http://www.repositorio.seap.pr.gov.br>. 05 mar. 2010.

<sup>72</sup> Bissoli, Ana Cristina; Rodrigues, Rosângela Mazzia. *Op. cit.*, pp.8-9.

pedagogos, psicopedagogos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e nutricionistas. Os estudantes contam com o apoio desses profissionais e de voluntários que atuam na escola da maneira integrada, para promover a melhoria da qualidade de vida. A escola oferece três refeições diárias: café da manhã, almoço e lanche da tarde (no período integral, janta). O material escolar é provido pela LBV <sup>73</sup>, há também atividades extracurriculares e atendimento ambulatorial médico.

Enfim, no que se refere à estrutura física e ao corpo de profissionais a escola é muito atrativa e bem equipada, o que instiga o interesse dos alunos. No entanto, apesar de esse aspecto ser contabilizado entre as causas de redução de evasão escolar, não se pode atribuir tal resultado exclusivamente a isso, pois muitas escolas dispõem de estrutura semelhante ou até melhor, mas não dos mesmo resultados.

Putnam constatou em suas pesquisas que a relação entre a performance educacional e o capital social é muito mais forte do que, por exemplo, os gastos com a escola ou qualquer outro fator considerado como favorável ao aumento do desempenho educacional <sup>74</sup>. Para atingir sua performance e garantir as redes e normas de confiança social, a Instituição faz uso de uma pedagogia inovadora, a Pedagogia do Cidadão Ecumênico. Essa proposta do educador Paiva Netto aplicada na rede de ensino e nos programas socioeducacionais da LBV dá especial destaque aos valores espirituais, éticos e morais, por compreendê-los como ferramentas essenciais para a formação do caráter e para uma convivência fraterna e saudável em sociedade. Assim, essa linha educacional tem por finalidade estimular um desenvolvimento mais eficiente, solidário, democrático, ecumênico, crítico e participativo dos educandos.

---

<sup>73</sup> A LBV promove todo ano a campanha “*Criança Nota 10 – Sem Educação não há futuro*” que entrega milhares de kits escolares a meninos e meninas da baixa renda atendidos pela Instituição.

<sup>74</sup> Putnam, Robert D. (2001) *Op. cit.*, pp. 49.

Além da qualificação eficiente dos alunos para colocação no mercado de trabalho, a Pedagogia da LBV se preocupa com o engajamento cívico. Desta forma, a escola oferece condições para que o aluno se aperceba como parte integrante de um grupo social, esse grupo por sua vez também é um meio de interação, fonte de estudo e informações. Mais que incentivar a pesquisa e prover conteúdo, a escola também prima pela participação dos alunos e pela socialização de seus conhecimentos e experiências, seja em sala, em exposições na própria escola, colóquios, mostras ou feiras culturais, manifestações artísticas e culturais *etc.* Somando-se a esse fatores, há na grade escolar aula de Convivência, que leva à sala de aula temáticas atuais, tal como o *Bullying*; questões de saúde e sexualidade, como gravidez na adolescência, Doenças Sexualmente Transmissíveis; e também há a disciplina de Cultura Ecumênica, que promove, sem proselitismo, o estudo, a reflexão e, sobretudo, o respeito às crenças de cada indivíduo, isto é, cultiva o sentido de religiosidade como fomentador da cidadania. Na visão da pedagogia em questão,

*“A escola é imprescindível, mas não substitui o lar. O Estado e a sociedade têm de, unidos, gerir soluções para que as famílias criem e eduquem dignamente os seus filhos.”*<sup>75</sup>

E, por conta dessa preocupação com a família, agente fundamental no processo de formação constante do indivíduo, o Instituto da LBV, por meio de palestras educativas, cursos e atividades esportivas, abre suas portas para o envolvimento da família e também da comunidade nesse processo.

Trata-se, portanto, de um processo educacional completo, pois além de dar maior visibilidade aos resultados da aprendizagem, o que fornece melhores

---

<sup>75</sup> Paiva Netto.(2000) *Op. cit.*, pp. 36.

indicadores de eficiência do processo, eleva a auto-estima do educando, orgulha e fortalece as famílias, pois estas testemunham junto à comunidade a evolução e o desenvolvimento do aluno; e proporciona a satisfação ao educador de ver os frutos de seu trabalho reconhecidos e valorizados pela sociedade. Ou seja, a escola articulou uma comunidade cívica, o que aumentou o seu estoque de capital social, responsável pelos círculos virtuosos que redundaram na evasão zero, no ambiente de não-violência, entre outros resultados.

## CONCLUSÃO

O principal objetivo desta monografia foi verificar se uma sociedade com valores humanos, éticos e espirituais realmente favorecem um governo com melhor desempenho e se, a partir desses valores que fortalecem a sociedade civil, esse fortalecimento é benéfico para a democracia e promove o bem-estar coletivo. E de que maneira isso se processaria.

Com esse intuito, ao longo do trabalho, foi apresentada a contextualização e a justificativa histórica da relevância desse tipo de estudo a partir da *Era Axial* de que falou Karl Jaspers. Também levantou-se a problemática que envolve a democracia no contexto da modernidade adotando-se Tocqueville como referencial teórico. Prosseguiu-se explorando possíveis soluções para o individualismo e o materialismo, apontados por Tocqueville como perigos à democracia. Complementando a teoria de Tocqueville, explorou-se a contribuição de Putnam com suas investigações empíricas da relação entre o desempenho institucional e a natureza da vida cívica. Por fim, desenvolveu-se um estudo de caso acerca das Escolas da LBV, analisando os resultados dessas escolas e como elas alcançaram evasão escolar zero e ambiente de não violência.

Quanto ao caráter pedagógico da participação política, Tocqueville destacou que “o povo não conseguiria misturar-se aos negócios públicos sem que o círculo das suas idéias viesse a estender-se e sem que visse o seu espírito sair de sua rotina ordinária”<sup>76</sup>. Essa expansão da consciência social decorrente do envolvimento com

---

<sup>76</sup> Tocqueville. (1987) *Op cit.* pp.188.

a vida pública foi constatada tanto nas associações nos EUA, nas comunidades cívicas da Itália e nas Escolas da LBV.

A conclusão do trabalho foi que Tocqueville estava certo e uma sociedade com costumes e valores humanos favorece um bom governo. Pois esses valores fortalecem e favorecem o civismo e a confiança social, cria capital social para a comunidade cívica que, por seus próprios esforços, desafoga a demanda pelos serviços do Estado. Ou como colocou Putnam: “*Eles exigem serviços públicos mais eficazes e estão dispostos a agir coletivamente para alcançar os seus objetivos comuns*”<sup>77</sup>. Enfim, a colaboração e a reciprocidade generalizada vigoram. E pelo lado da oferta, o desempenho do governo também é favorecido, pois uma comunidade cívica ao mesmo tempo que exige de seus governantes, faz a sua parte, dá o exemplo, com isso governos ineficientes que se distanciam dos valores e costumes vivenciados pelos cidadãos não encontram base de sustentação.

As possibilidades que se desdobram no contexto democrático, como foi visto ao longo do trabalho, são variadas e podem ser boas ou ruins. Cabe, portanto, aos cidadãos escolherem que futuro desejam. Mais cívico, tolerante, confiante, solidário e participativo; ou menos cívico, intolerante, desconfiado e individualista? Aparentemente é uma escolha óbvia, mas talvez por conta do contexto sócio-econômico complexo do Brasil, na prática, a escolha pela primeira opção não é o que se observa de maneira disseminada. Isso nos remete à necessidade de mudança do comportamento político e social, o que imprescindivelmente exige educação de qualidade para todos.

---

<sup>77</sup> Putnam, Robert D. (1996) *Op. cit.*, pp. 191.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora UnB, 2001.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Editora UnB, 1997.

ARMSTRONG, Karen. **A Grande Transformação: o mundo na época de Buda, Sócrates, Confúcio e Jeremias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARON, Raymond. **As Etapas do Pensamento Sociológico**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

BISSOLI, Ana Cristina da Silva; RODRIGUES, Rosângela Mazzia. **Evasão Escolar: o caso do Colégio Estadual Antonio Francisco Lisboa**. Disponível em: [http://www.repositorio.seap.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/educacao/evasao\\_escolar.pdf](http://www.repositorio.seap.pr.gov.br/arquivos/File/artigos/educacao/evasao_escolar.pdf) . Acesso em: 05 mar. 2010.

DIGIÁCOMO, Murillo José. **Evasão escolar: não basta comunicar e as mãos lavar**. (2005). Disponível em: [http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/artigos/evasao\\_escolar\\_murilo.pdf](http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/artigos/evasao_escolar_murilo.pdf) . Acesso em: 05 mar. 2010.

DUARTE, José B. "*Estudos de caso em educação: investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização*". **Revista Lusófona de Educação**, 2008, 11, pp.113-132.

GEORGE, Alexander L.; BENNET, Andrew. **Case studies and Theory development in the Social Sciences**. Cambridge, MA(USA)/ London, ENG: MIT Press, 2004.

HARRISON, Lawrence E.; HUNTINGTON, Samuel P.; FUKUYAMA, Francis, *et al.* **Culture Matters: how values shape human progress**. New York: Basic Books, 2000.

JASPERS, Karl. “*The Axial Age of Human History*”. **Commentary**, 6 (1948). pp 430-435.

PAIVA NETTO. José de. **Somos Todos Profetas**. São Paulo: Elevação, 1991.

PAIVA NETTO. José de. **Diretrizes Espirituais da Religião de Deus Vol.3**. São Paulo: Legião da Boa Vontade, 1994.

PAIVA NETTO. José de. **É Urgente Reeducar!**. São Paulo: Editora Elevação, 2000.

PAIVA NETTO. José de. **Cidadania do Espírito**. São Paulo: Editora Elevação, 2001.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

PUTNAM, Robert D. “*Bowling Alone: America’s Declining Social Capital*”. **Journal of Democracy**, Vol. 6, nº. 1, Jan 1995. The Johns Hopkins University Press. pp.65-78.

PUTNAM, Robert D. “*Social Capital Measurement and Consequences*.” **Canadian Journal of Policy Research**, 2(1), 2001, pp.41-51.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. “*A problemática da pobreza Segundo Alexis de Tocqueville*”, **Carta Mensal**, Vol.43, nº 508. Julho de 1997, Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio. pp. 3-16.

SCHWARTZ, Shalom H. “*Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values?*”, **Journal of Social Issues** 50, 1994. pp.19–45.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1987.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **Memoir on Pauperism**. Translated by Seymour Drescher. London: Civitas, 1997.

WELZEL, Christian; INGLEHART, Ronald. “*The Role of Ordinary People in Democratization*”. **Journal of Democracy**. Vol. 19, nº. 1, Jan. 2008. The Johns Hopkins University Press. pp.127-140.